



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO III N.º 36
NOVEMBRO DE 1960

Composição e impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= B K A G A =

Religião Nova

Não é novidade nenhuma que os homens, mesmo os que se dizem católicos, se esqueceram de Deus e do Seu culto pondo à margem as leis da moral e vivendo envolvidos nos piores desmandos. E muitos — e repito: até católicos — não vão à Missa ao Domingo, não se confessam, mal sabem onde é a Igreja, praguejam e juram como condenados do Inferno; insultam e desrespeitam os parentes e os que o não são; escandalizam com atitudes, palavras e actos os inocentes e até os que já perderam tão precioso atributo; andam continuamente roídos por maus pensamentos e desejos; outros passando dos desejos às acções são impuros e adúlteros; metem-se em negócios escuros e usufruem dinheiros que ninguém sabe donde vêm; são mentirosos, hipócritas e adutores; caluniam, murmuram, injuriam; trazem a alma abrasada em ódio por questões onde eles tem toda a culpa; numa palavra, não cumprem nenhum dos mandamentos de Deus e da Igreja deixando-os no mais cobarde esquecimento.

E o pior, o que espanta as pessoas sensatas, é que por cima de tudo isto gritam alto e bom som — não sei se com ingenuidade se com cinismo — que tem a sua religião. E a gente de bem fica sem saber o que é Religião e a perguntar qual será a religião que justifique tal cadastro. E esses tais respondem muito ufanos: — "Sou um homem honrado como os melhores; tenho a minha religião pois que não mato nem roubo... E ficamos todos a saber que para esses há uma religião nova que não tem Deus a quem se adore e preste culto; que não tem Credo nem verdades em que se

deva acreditar, que não tem santos a quem se venere nem considera a alma que se tem de salvar. E quanto a mandamentos? — há-de alguém perguntar. Quanto a mandamentos — respondem os novos doutores da nova lei — é tudo o que há de mais simples. Resumem-se em dois, que não os de amar a Deus e ao próximo, mas os de não roubar e não matar. "Não roubar e não matar." Eis o novo Código da nova crença. Fácil, na verdade, e tão fácil que nos dá vontade de nos lamentarmos junto do Supremo Legislador de não ter promulgado há mais tempo tão curto e, prático resumo.

Curto e prático, mas... Mas quê?

Mas o que é espantoso é que esses que apregoam tal renovação da lei de Deus, nem sequer esse resumo curto e prático são capazes de cumprir e quando dizem que não matam nem roubam mentem. E todos sabemos como e porquê.

É que uma religião sem Deus que nos ajude e nos inspire no Caminho do Bem; sem oração com que imploremos esse auxílio e essa inspiração; sem amor, sem pureza, sem respeito, sem Fé e sem Esperança é impossível. Uma religião que não respeite todas as sagradas obrigações impostas pelo Senhor, não é religião — é uma farça. E numa farça não se respeita ninguém e tudo se apouca.

Uma religião assim é impossível, é uma farça e é uma loucura. Uma loucura como a de alguém que decepasse as pernas a um homem e, mostrando-as, clamasse: — Eis aqui um homem verdadeiro e completo.

Maleitas e o que mais se verá

Barcelos fica longe. Duas léguas compridas, a abrir caminho por pinhais do cabo do mundo. Só uma aberta nos Feitos. Mas os Feitos, com as casitas brancas, a descer da igreja até à estrada a ver o movimento, juntinhas como um presépio, são um instante. Depois voltam os pinhais, agora mais desanuviados com o Sameiro e o Bom Jesus a fechar as distâncias.

Às tantas é preciso cortar à esquerda que Santa Leocádia fica escondida para lá dos pinhais, de costas voltadas para a estrada. Uma boa meia hora, a passar, por caminhos de cabras que nem os barrancos da Costeira. Mas quem está habituado a roçar mato nessas bouças da Caixa d'Água, e lá para as fragas dos Poças do Monte, não faz questão e toca a andar.

* * *

A tia Rosa não andava bem há uns tempos para cá. Derreadinha que era uma dôr do coração. E umas tremuras de tempos a tempos, que nem que estivéssemos em Janeiro.

— Maleitas, mulher, maleitas — dizia-lhe o homem, que bem sabia o que eram maleitas, desde os seus tempos de miudo, em que aquela vez que ele tomava banho na poça da Mança, lhe esconderam a roupa e ele teve de vir assim, até casa, em coiro como um Adão, a esconder-se por trás das paredes, que a coisa não era para menos. O resultado foram as maleitas. Uma tremuras, assim de vez em quando que sobem pelo corpo acima sem dizer água vai? Nem mais nem menos: maleitas.

— Quais maleitas, homem quais maleitas! Sou lá eu mulher de maleitas. Eu que criei um mundo de filhos sem uma doença ia agora ter maleitas!

— Devem de ser maleitas, Rosa, devem de ser, que tu digo eu.

— Cala te.

— Pois olha que são.

A tia Rosa não esteve com meias medidas. Mete um canto de pão no saquitel, uma febra de presunto, meio rabo de bacalhau, no bolso do avental umas patacas, e viva a velha a caminho de Santa Leocádia a consulta a bruxa. Tanto, mais que tinha outras encomendas para a Santa e era preciso dar despacho àquilo tudo. Na sua casa doença por todos os cantos: o Fredo, o

Mingos, o Tone, o homem, o porco... Louvado seja Deus!

Chegou, moida dos atalhos e Santa Leocádia nem deu por ela.

É lá adiante, tiasinha, à esquerda depois da curva.

Teve que descalçar um tamanco para bater à porta que não havia por ali alma viva de cristão. Se fosse em S. Paio toda a gente teria vindo ao portal e mexericar para dentro. Ali parecia uma terra de ninguém.

Nos caminhos era um deserto.

Uma miudita, tísica como um pau de suscar o forno, mandou-a entrar que a senhora não demorava.

E a senhora não demorou (pensei que fosse mais velha! Estava conservada) e ouviu muito recolhida, como quem assiste a uma procissão de penitência. Era aquela fraqueza, uma pasmaceira que tanto se lhe dá como deu, sem boca para nada. E umas tremuras às guinadas, que inverno fechado. Depois o filho mais novo, o Fredo, de manhã até à noite, a correr para o sítio, com sua licença, que era de cortar o coração. O segundo com borbulhas na cara. O Tone, com bichas que nem um saco de macarrão. O marido com catarrão de asfixiar. O porco a coxear que nem a Ana Manca ao pé mauquinho... enfim, um hospital!

A bruxa já sabia de tudo. Nada daquilo era novidade para ela. Até já rezara por todas aquelas mazelas. Mas Deus Eterno sabia curar todas as doenças. Para o filho mais novo, água morna, com um cheirinho de alecrim. O das borbulhas, um purgante e três padre-nossos ao pôr do sol. Para o das bichas, chá de cidreira com três pintinhas de pó que ela lhe daria. Para o porco chá de ortigas e o marido que aspirasse quatro vezes por dia, antes do sol romper, o fumo de malvas secas. Quanto à sua doença, o caso era um nadinha mais sério, mas tudo se havia de arranjar: três missas de promessa à Senhora da Saúde, uma novena a Santa Rita e tomar durante nove dias, das dez para a meia noite, numa encruzilhada qualquer, duas colheres de uma água santa que em menos de um Amen ela mesma ia aviar.

A tia Rosa que era mulher com a cabeça no sítio, e que nunca perdera uma letra dum recado, lá foi arrumando na memória aquele estendal de receitas.

E ainda o sol fazia festinhas a Grilheta, a

Fortalece e instrui a tua Fé lendo a Sagrada Escritura

Os Serões de Inverno

Estamos no tempo das noites compridas e frias que dão não só para descansar, mas também para dar voltas e mais voltas no leito à espera que os galos cantem ou desponte a luz do dia.

É por isso que muitas famílias para evitar este segundo inconveniente e aproveitar o tempo passam uma parte da noite seroando entregues a trabalhos leves e úteis cantando canções ou ouvindo histórias, de fadas e quejandos. Ora acontece que se essas canções não

são más e ajudem a passar o tempo, contudo são sempre inúteis. E esse tempo podia ocupar-se com coisas melhores.

Sabeis de que me lembrei? Todos já rezaste pela intenção do mês para os associados do A. O., que é a seguinte: «para que se promova entre as famílias a leitura da Sagrada Escritura».

Não seria bonito que durante esses serões déssemos cumprimento a este desejo do Santo Padre?

Tríduo do Sagrado Coração de Jesus

Terminou no dia da festa de Cristo Rei este tríduo que foi prègado pelo Rev.^{mo} Sr. P.^e Dr. Armando Marques, professor do Seminário Conciliar. A frequência às práticas foi muito numerosa, o que não quiere dizer que tenham vindo todos quantos deviam vir. No domingo foram distribuidas 1.250 comunhões e o total de comunhões em toda a semana foi de 6.500.

Pedimos ao Senhor que o fruto deste tríduo e de tantas comunhões seja duradoiro.

mirar-se na planura do mar e já a chocolateira nova aquecia ao lume água de alecrim para o Fredo, a velha chá de cidreira e três pintinhas de pó para o das bichas e o Tone andava pelos caminhos à procura de malvas secas para o catarro do pai. E, Deus seja louvado, até já se fora falar com o sr. Reitor por causa das missas.

Enfim, tudo corria que era um amor. Que o homem não sabia de nada. Deus me livre se ele sabia. Trabalharia a tranca do portal. Enfim, são homens; tapados como portas, que não compreendem certas coisas.

Havia de ser o dia de juízo para o convencer a cheirar o fumo das malvas secas! O pior era aquele negócio de ela ter de ir das dez para a meia noite, à encruzilhada mais à mão que era a cangosta da feira, beber duas colheres daquela água santa.

Mas a tia Rosa, mesmo quebrada como andava, não era mulher de medos, que meia missa estava dita e dos fracos não reza a história. A Maria que tomasse conta das crianças por um migalhão, o tempo dela ir à padaria e vir.

Estava ela no melhor da festa, mesmo no centro da cangosta, a emborcar a primeira colherzinha miraculosa, quando lhe aparece ali nem mais nem menos que o ladrão do marido, que vinha do ponto.

A sua mulher com um garrafel na mão, ali, àquelas horas?

— Grande bêbada que fazes aqui?

Foi uma limpeza. Água santa viste-la. Garrafa para um lado, colher para o outro e a mulher ó pernas para que te quero por esses caminhos que não ficou pedra no lugar. Não que ela bem ouvia o tamanco do marido a zunir na direcção ao seu lombo!

Chegou a casa, sufocadinha de tanto correr. Toda a noite foi um suadoiro que nem olho pregou. E ainda bem, que aquilo foi remédio santo pois nuca mais as maleitas nem as tremuras quizeram nada com ela.

E pelas tardes de Agosto, quando as mulheres vinham dos campos, era ouvi-la, à portinha, a contar a quem passava:

— Milagres daquela santa mulher. Santa Leocádia é longe mas vale bem a pena lá ir. É assunto arrumado. Eu que o diga.

— NOTICIÁRIO —

Baptizados

Manuel Faria da Costa Rolo, filho de Alfredo da Costa Rolo e de Irene de Faria Rolo, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizado a 29/10/1960.

Pais, os filhos são o dom mais precioso que Deus concede à vossa união, aceitai-os como tal e preparai-os para serem bons homens e bons cristãos.

Casamentos

Hilário Meira Rolo e Amélia Pires Lapeiro, um e outro do lugar de Grilheta, realizaram o seu casamento no dia 22 de Outubro.

— José Alves Rolo Afonso e Cândida Alves Laranjeira, ele de Azevedo e ela do Monte, celebraram o seu casamento a 31 de Outubro. Presidiu ao acto o irmão da noiva, P.^e Manuel Laranjeira.

— Manuel Afonso Sampaio e Cândida da Cruz Azevedo, ele de Azevedo e ela do Monte, realizaram o seu casamento no Santuário do Sameiro a 5 de Novembro.

A graça que Deus vos deu por meio deste Sacramento será a grande força que vos ajudará a cumprir fielmente todos os vossos deveres.

Óbitos

Viriato Nuno da Costa Barbosa, de oito meses de idade, faleceu no lugar da Estrada, a 1 de Novembro.

Maria Alves da Cruz, de 19 anos de idade, demente desde a infância, faleceu a 4 de Novembro.

Jaime da Silva Vieira, de três meses de idade, faleceu a 7/11. Foi confirmado.

José António Laranjeira Amaro, de 79 anos de idade, viúvo de Teresa Alves da Cruz, residente no lugar de Azevedo, faleceu no dia 13 de Novembro. Paz à sua alma.

Partiram

No dia 7 de Novembro partiu para a Província de Angola o Sr. P.^e Manuel Alves Laranjeira que há seis meses se encontrava na Metrópole a tratar da saúde. Foi continuar o seu apostolado na Missão Católica de Malange.

— Para Moçambique partiu novamente Maria Augusta Meira Bastos acompanhada pelos seus dois filhos.

Para todos pedimos a protecção de Deus.

Recebemos

Ramiro Faria da Cruz — Argentina — em cumprimento duma promessa	400\$00
Torquato Gonçalves Pereira-Guiné	20\$00
Alfredo Martins Vitorino—Porto	100\$00
Telmo da Silva Leitão—Porto	40\$00
Manuel Eiras — Porto	20\$00

Acção Católica

No dia de Cristo-Rei, festa da Acção Católica Portuguesa, tomaram posse e fizeram o juramento os novos dirigentes das secções desta freguesia, cujas direcções para o ano de 1960-1961 ficaram assim constituídas :

L. A. C.

Presidente da Comissão Organizadora — David Gonçalves Caramalho.

L. A. C. F.

Presidente—Virgínia Maltês Torres
Secretária—Celina da Silva
Tesoureira—Cândida da Cruz Azevedo
Encarregada do Jornal—Maria Meira Barros

J. A. C.

Presidente—Avelino de A. T. Neiva
Vice-Presidente—Manuel Lourenço Pereira
Secretário—Valdemar de A. Neiva
Tesoureiro—Arlindo Laranjeira Gomes
Vogal da Pré-JAC—Augusto Torres

J. A. C. F.

Presidente—Irene Alves da Cruz
Secretária—Olinda Gomes Laranjeira
Tesoureira—Maria Adelaide Torres Pereira
Encarregada da Pré—Matilde Lourenço Neiva
 das Novas—Maria C. Azevedo e Sá
 do Jornal—Maria A. G. Ferreira
 das Aspirant.—Engrácia C. Caseiro
 das Criadas—Ermelinda A. Saleiro

A Igreja que vos chamou e vos encarregou, como colaboradores no seu apostolado, de «levar Cristo às almas e trazer as almas a Cristo», espera de vós todo o zelo e dedicação.